



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

LARISSA DE LOURDES DOS SANTOS MORAIS

A MORALIDADE EM *HAMLET*: UMA LEITURA NIETZSCHIANA.

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

LARISSA DE LOURDES DOS SANTOS MORAIS

A MORALIDADE EM *HAMLET*: UMA LEITURA NIETZSCHIANA.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes - Curso de Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Valécio Irineu Barros

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M82 7m Morais, Larissa de Lourdes dos Santos.

A moralidade em Hamlet [manuscrito] : uma leitura nietzschiana / Larissa de Lourdes dos Santos Morais. - 2024.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Valécio Irineu Barros, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. "

1. Shakespeare. 2. Hamlet. 3. Nietzsche. 4. Moralidade. 5. Personagens. I. Título

21. ed. CDD 820

LARISSA DE LOURDES DOS SANTOS MORAIS

A MORALIDADE EM *HAMLET*: UMA LEITURA NIETZSCHIANA.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes - Curso de Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras Inglês.

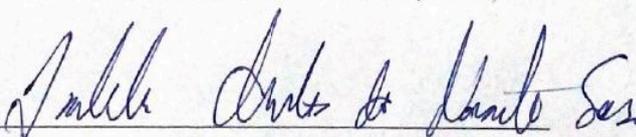
Área de concentração: Literatura Inglesa.

Aprovada em: 09/08/2024.

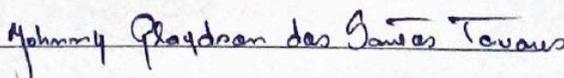
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valécio Irineu Barros (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Johnny Glaydson dos Santos Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

MÉDIA:

Para a minha família, em especial minha mãe,
que ousou sonhar comigo e sempre acreditou
no meu potencial.

“É preciso ter o caos dentro de si para gerar uma estrela dançante” (Friedrich Nietzsche).

SUMÁRIO

RESUMO	6
1 INTRODUÇÃO	7
2 PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE NIETZSCHE SOBRE A MORAL	8
2.1 Contextualização Histórica e Filosófica de Nietzsche.....	8
2.2 Concepção nietzscheana de moralidade.....	9
2.3 Moralidade dos Senhores e Moralidade dos Escravos.....	10
2.4 A Má Consciência e o Cristianismo.....	11
3 ANÁLISE DAS DIFERENTES VISÕES DE MORALIDADE APRESENTADAS PELOS PERSONAGENS	13
3.1 Conflito moral de Hamlet: um ponto de vista Nietzscheano.....	14
3.2 Cláudio, Polônio e Laertes: uma ótica Maquiavélica.....	16
3.3 Horácio e Fortinbras: perspectivas Estoicas.....	19
3.4 Ofélia e Gertrudes: o patriarcado e o cristianismo.....	21
4 REFLEXÃO SOBRE A MORALIDADE COMO FORÇA MOTRIZ POR TRÁS DAS AÇÕES DOS PERSONAGENS	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	26
AGRADECIMENTOS	29

A MORALIDADE EM *HAMLET*: UMA LEITURA NIETZSCHIANA.

MORALITY IN *HAMLET*: A NIETZSCHEAN READING

Larissa de Lourdes dos Santos Morais^{1*}

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise filosófica da tragédia *Hamlet* de William Shakespeare, à luz da perspectiva de Friedrich Nietzsche sobre a moralidade. Exploraremos como as concepções de moral do filósofo alemão podem ajudar a compreender as tensões sociais e os dilemas morais vivenciados pelos personagens da peça, particularmente pelo protagonista. Para tanto, utilizamos uma pesquisa bibliográfica, de natureza básica e abordagem qualitativa, baseada nas obras *A Genealogia da Moral* e *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche, e nas contribuições teóricas de McGinn (2006), Santos & Costa (2010), Maquiavel (2011), Sêneca (2017) e Süsssekind (2021), de modo a entender como as questões éticas presentes na obra motivam o comportamento dos personagens. Ao final da pesquisa, conseguimos identificar não apenas algumas das concepções de moralidade de Nietzsche em *Hamlet*, mas também aspectos de diversas correntes filosóficas que se relacionam com a obra. Esses achados ampliaram nossa compreensão sobre a presença da filosofia nos personagens da tragédia, abrindo novas possibilidades para investigações futuras.

Palavras-chave: Shakespeare; Hamlet; Nietzsche; moralidade; personagens.

ABSTRACT

This article aims to present a philosophical analysis of William Shakespeare's tragedy *Hamlet* in the light of Friedrich Nietzsche's perspective on morality. We will explore how the German philosopher's conceptions of morality can help us understand the social tensions and moral dilemmas experienced by the characters in the play, particularly the protagonist. For this purpose, we used basic bibliographic research with a qualitative approach, based on Nietzsche's works *The Genealogy of Morals* and *Thus Spoke Zarathustra*, and on the theoretical contributions of McGinn (2006), Santos & Costa (2010), Machiavelli (2011), Seneca (2017) and Süsssekind (2021), in order to understand how the ethical issues present in the work motivate the behavior of the characters. At the end of the research, we were able to identify not only some of Nietzsche's conceptions of morality in *Hamlet*, but also aspects of several philosophical currents that relate to the work. These discoveries have expanded our understanding of the presence of philosophy in the characters of the tragedy, opening up new possibilities for future investigations.

Keywords: Shakespeare; Hamlet; Nietzsche; morality; characters.

^{1*} Larissa de Lourdes dos Santos Morais, graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) larissa.lourdes@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A obra de William Shakespeare (1564-1616) figura entre as mais admiradas e influentes da literatura ocidental. Em apenas 24 anos, entre 1589 e 1613, o poeta e dramaturgo inglês produziu vários poemas, 154 sonetos e 37 peças teatrais que, apesar de terem mais de 400 anos, permanecem entre as mais estudadas, discutidas e encenadas do mundo, tendo sido traduzidas para mais de 100 idiomas. Nenhuma das peças do Bardo, contudo, foi tão aclamada e debatida quanto *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* ou simplesmente, *Hamlet*, a qual é considerada uma das obras-primas da literatura mundial e uma das tragédias mais complexas de Shakespeare. Estima-se que mais de 80.000² volumes já foram escritos sobre ela, sem falar nas inúmeras montagens e nas muitas adaptações para TV e cinema. Trata-se da tragédia mais longa de Shakespeare e nela o Bardo realizou uma síntese brilhante de fontes históricas, como o *Gesta Danorum (Feitos dos Dinamarqueses)* do historiador Saxo Grammaticus (século XIII) e fontes literárias, como *A Tragédia Espanhola* (1592) de Thomas Kyd (1558-1594), criando um texto rico e multifacetado.

Dentre os muitos aspectos que chamam a atenção em *Hamlet*, destaca-se a questão de como a moralidade influencia e determina a ação ou inação dos personagens, particularmente a do protagonista. Para estudar este tópico, escolhi a perspectiva de um dos filósofos mais provocativos e influentes do século XIX, Friedrich Wilhelm Nietzsche, que desenvolveu uma crítica profunda às convenções morais e religiosas de sua época. Em obras como *Genealogia da Moral* (1887), ele distingue entre a "moralidade dos senhores" e a "moralidade dos escravos". A moralidade dos senhores seria caracterizada pela afirmação da vida, do poder e da excelência pessoal, enquanto a moralidade dos escravos teria surgido como uma reação dos fracos e oprimidos, valorizando a humildade, a obediência e o altruísmo. Nietzsche argumenta que os valores cristãos, predominantes na sociedade ocidental, são um produto da moralidade dos escravos, criada através do ressentimento contra os poderosos. Essa inversão de valores teria transformado a fraqueza em virtude e a força em pecado, moldando as normas morais e sociais que conhecemos hoje. A transição dos valores aristocráticos para os valores cristãos nas sociedades germânicas é uma das principais contribuições de Nietzsche ao estudo sobre como os valores são criados e transformados.

Este trabalho propõe uma leitura acerca da moral em *Hamlet*, tomando como base conceitos da filosofia de Friedrich Nietzsche, os quais serão aplicados à análise dos solilóquios do príncipe e de excertos da tragédia shakespeariana. Nesse sentido, buscarei responder às seguintes perguntas: 1) que concepções morais são tematizadas na tragédia e 2) como estas diferentes concepções de moral determinam o comportamento das personagens. Visto que se trata de uma discussão teórica de cunho interpretativo, a partir de uma perspectiva filosófica, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa e de natureza básica, já que busca a "interpretação de fenômenos e [a] atribuição de significados." (Prodanov & Freitas, 2013, p. 128). Além disso, uma vez que meu objetivo é proximidade com o objeto (a peça), a fim de analisar alguns de seus aspectos, segui uma linha de pesquisa exploratória, como coloca Gil (2007). Para tanto, o presente trabalho adotou o procedimento bibliográfico, ou seja, foi desenvolvido "a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites etc." (Fonseca, 2002, p. 32) e buscou estabelecer um diálogo interdisciplinar entre as áreas da filosofia e da literatura, de modo a contribuir com os estudos sobre a obra atemporal de William Shakespeare.

² Cf. Wikipedia. Hamlet. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hamlet>. Acesso em 18 de maio de 2024.

2 PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE NIETZSCHE SOBRE A MORAL

Factualmente, a moral está ligada à sociedade. O dicionário Michaelis (2023) apresenta algumas definições de moral, tais como: 2 - Relativo às regras de conduta e aos costumes estabelecidos e admitidos em determinada sociedade; 3 - Que é conforme e procede conforme os princípios da ética e da moralidade aceitos socialmente e 4 - Que procede de maneira honesta ou correta; moralidade. Etimologicamente, a moral vem do latim *mos, moris* — que significa “maneira de se comportar regulada pelo uso” — e *moralis, morale*, que quer dizer “relativo aos costumes”, uma origem que corrobora o que diz Vázquez (2003), quando afirma que o homem não nasce com a moral como se fosse um instinto, mas é algo que é “adquirido por hábito”. A moral é tão antiga quanto as primeiras civilizações e surgiu da necessidade humana de sobrevivência. No entanto, é preciso ter em mente que a moral não é inerte, ao longo dos séculos a moral antiga foi se modificando para adequar-se aos novos tempos; assim formaram-se, por exemplo, a moral feudal, a moral burguesa e a moral moderna. Esse caráter dinâmico fez da moral objeto das reflexões de muitos pensadores, dentre os quais destaca-se o filósofo Nietzsche.

2.1 Contextualização histórica e filosófica de Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900) nasceu em Röcken, um vilarejo do antigo Reino da Prússia, atualmente localizado na região da Saxônia-Anhalt, na Alemanha. Filho de pais protestantes, ele foi criado com uma educação religiosa rígida. Aos 14 anos, se destacou em estudos religiosos e clássicos e recebeu uma bolsa de estudos de preparação para o clero, embora já questionasse os ensinamentos do Cristianismo. Por influência de sua mãe, ele iniciou os estudos em teologia na universidade de Bonn. No entanto, logo mudou seu curso para filologia e aprofundou seus estudos sobre as tragédias gregas, momento em que foi apresentado à filosofia, niilista e pessimista, de Arthur Schopenhauer (1788-1860). O filólogo seguiu o caminho de questionamento aos ensinamentos cristãos e publicou uma série de livros a exemplo de *Schopenhauer como educador* (1874) e *Humano, demasiado humano* (1878). Ao longo de sua vida, ele enfrentou problemas graves de saúde e passou a viver como um nômade, sempre viajando e tentando amenizar seus sintomas com substâncias que ele mesmo produzia.

Em *Assim Falou Zaratustra*³, adotando um estilo poético, ele começa a delinear suas principais ideias como o conceito de *vontade de poder*, que o filósofo considerava uma força motriz fundamental da natureza humana, uma vez que todas as ações naturais são a busca pela realização da vontade de poder (ou de potência), a qual não se reduz apenas à busca de poder sobre outros indivíduos, mas envolve, sobretudo, o domínio de si, a realização, a ambição, o esforço e a autossuperação, tema tratado na parte II, capítulo 12.

Outro conceito importante trabalhado nesta obra, especialmente na parte III, capítulo 16, é a *transvaloração dos valores*. Por meio dele, Nietzsche criticou a moral tradicional cristã e propôs uma revisão radical dos valores, isto é, defendeu a necessidade de as pessoas questionarem e reavaliarem seus valores pessoais e morais, buscando uma nova moral que fosse de acordo com sua vontade de poder. E, por fim, a ideia do *Super-homem*, um ser humano que supera as limitações da moralidade tradicional e consegue realizar a transvaloração dos valores, ou seja, cria seus próprios valores e vive de acordo com sua vontade de poder, ao invés de se conformar com a moral tradicional estabelecida.

³ *Assim Falou Zaratustra* foi composta em partes separadas entre 1883 e 1885. A edição completa saiu apenas em 1892, organizada por Peter Gast, aluno e amigo de Nietzsche, após o filósofo ter sofrido um colapso nervoso que o deixou temporariamente incapacitado.

Nietzsche fez da moral e do cristianismo, os alvos principais de suas reflexões, particularmente em obras como *Além do Bem e do Mal* (1886), em que ele desenvolve uma crítica da filosofia, da religião e da moral de sua época, uma análise que foi aprofundada no tratado filosófico *Genealogia da Moral* (1887). Mesmo com problemas de saúde, Nietzsche iniciou a obra *O Anticristo* (1888), na qual fez comparações entre religiões e, mais uma vez, criticou o cristianismo por estabelecer como meta e centro da vida o “além” e não o mundo presente. Essas foram suas últimas e mais famosas publicações ainda lúcidas. O filósofo já vinha sofrendo com fortes dores e surtos, de modo que, na fase final de sua vida, ficou incapacitado para desenvolver qualquer atividade, vivendo sob os cuidados da mãe e da irmã.

2.2 Concepção nietzscheana de moralidade

Segundo Nietzsche ([1887] 2017, p.18), a moral tem por função possibilitar a vida comunitária, “todo rebanho é moral, todo rebanho precisa de uma moral”. Vale ressaltar que, embora as regras morais sejam necessárias para o funcionamento da sociedade, elas refletem os valores de suas épocas, isto é, não são eternas. Além disso, as regras morais tampouco são perfeitas, pois são criadas pelos homens para legitimar suas relações entre si, de modo que nem sempre há uma razão para uma *nova ordem moral*. Nietzsche também enfatiza que a moral imposta sempre é escolhida pelos dominadores, nunca pelos dominados. Ela foi determinada no passado e se perpetua no presente pelos representantes do conservadorismo. Neste sentido, afirma: “É um ato de violência querer estabelecer o bem e o mal. Todo o bem e todo o mal correspondem apenas aos interesses dos *bons*, dos dominadores.” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 19). Por isso, para o filósofo, o homem deve se tornar “senhor de si” e respeitar a vida por amor à sua própria verdade, fazendo isso porque quer e não porque deve. “O homem deixaria de ser homem se fosse negar dentro de si a si mesmo, se renunciasse a si mesmo. E ao renunciar a si mesmo renunciaria a tudo quanto lhe resta de grande e de próprio.” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 23). Em outras palavras, o homem tem que usar de sua consciência para sair do conformismo da moral vigente e criar uma moral autônoma, de homem livre.

Nesta perspectiva, Nietzsche acreditava que a moral cristã era hipócrita e negava aos homens sua verdade, transformando-os em odiadores da vida e em conformados. Nietzsche via a depreciação da vida e a decadência moral como resultado do cristianismo. Para ele, o primeiro e único cristão foi Cristo, mas a igreja não quis segui-lo e nem aos seus ensinamentos, ao invés disso, transformou Cristo em um produto a ser usado para manipular as massas.

Ao querer a apreciação da vida, a elevação além de si mesmo, chamada de transmutação dos valores, o filósofo diz que “O homem criador é o homem livre, e só na plena realização da sua liberdade é ele criador, porque só há criação onde há liberdade” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 17), mesmo que nem todos alcancem essa liberdade, porque para se tornar livre não basta apenas dizer que as pessoas são livres, é preciso não temer a liberdade, quem a teme nunca será criador, uma vez que “a primeira libertação do homem está em libertar-se de si mesmo, essa luta imensa que travamos dentro de nós mesmos” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 18). Segundo Nietzsche, essa luta do homem para ser livre deveria começar contra a *moral estratificada cristã*. Para ele, a moral cristã era estratificada porque ela não se aplicava de maneira uniforme a todos, mas sim de acordo com a posição social e o papel dos indivíduos dentro da comunidade cristã, desse modo constituiria um mecanismo de controle e uma forma de perpetuar a fraqueza e a mediocridade.

Vale ressaltar que, apesar desta crítica à moralidade ocidental, Nietzsche não pregava um retorno à natureza primitiva, a inversão de valores e nem a transformação do homem em um monstro como muitos acreditam. Ele falava que deveríamos realizar, aos poucos e no

homem, o *super-homem*. Em *Assim Falou Zaratustra*, o filósofo dizia que o homem moderno estava acomodado, conformado em acreditar em seus ídolos como forma de sobrevivência “os mais preocupados perguntam hoje: ‘como conservar o homem?’”. Mas Zaratustra é o primeiro e único a perguntar: “Como superar o homem?” (Nietzsche, [1883] 2016, p. 272). O *super-homem* representa a superação dos valores com coragem e ordem. Zaratustra orienta o homem a mergulhar em si mesmo para encontrar a força de sair da forma atual, que já está velha, e se tornar melhor, criando novos valores. “Eu vos digo: é preciso ter ainda o caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante, eu vos digo: tendes ainda o caos dentro de vós” (Nietzsche, [1883] 2016, p. 18). Nietzsche, então, vê no homem a ponte entre a fera e o *super-homem*, somente assim esse ato de libertação faz do imoralista — indivíduo que é antagonista da moral convencional e tenta realizar uma reviravolta de valores — o *vencedor de si mesmo*, quando ele, finalmente, conquista a liberdade interior.

2.3 Moralidade dos Senhores e Moralidade dos Escravos

Em *Genealogia da Moral* ([1887] 2017), Nietzsche estrutura sua argumentação em dissertações. A primeira dissertação, intitulada “Bem e mal”, “Bom e mau”, investiga a origem e a transformação dos conceitos de bem e mal e de bom e ruim. Segundo Nietzsche, esses conceitos têm raízes em diferentes sistemas de valores. O entendimento do que é “bom” na sociedade, propõe o filósofo, vem de um lugar de privilégio, o lugar dos poderosos. Os “superiores” julgaram que suas ações eram boas e assim foi se estabelecendo um padrão a ser seguido pelo resto da sociedade. Nietzsche chamou essa moralidade dominante de *moralidade dos senhores*, esta moralidade valoriza qualidades associadas ao poder, à força e à nobreza. Para os senhores, o bom é aquilo que é nobre, poderoso e belo, enquanto o ruim é associado ao que lhes for prejudicial. Segundo Nietzsche, a essência dessa moralidade é a nobreza. O homem nobre sente que não precisa de aprovação, ele julga o que é mau, é um criador de valores:

Na moralidade dominante, as pessoas definem o bem com base em se isso as beneficia e em sua busca por excelência pessoal autodefinida. (...) Na medida em que algo é útil para o homem obstinado, é como o que ele valoriza em si mesmo; portanto, o homem obstinado valoriza essas coisas como boas porque elas o ajudam em um processo vitalício de autorrealização por meio da vontade de poder. (Nietzsche, [1886] 2015, p. 133)

Aquele que fosse contrário a esses valores era considerado baixo, vulgar e ruim, visto como vilão da sociedade, já que os senhores, os poderosos, eram heróis. Algo extremamente perigoso, visto que as maiores tragédias humanitárias aconteceram porque pessoas se julgavam superiores às outras e, por isso, massacraram milhares.

Segundo Nietzsche, os judeus teriam subvertido a moral dos senhores. Sobre este ponto, ele afirma:

Os judeus com sua lógica formidável, enfrentaram e inverteram a aristocrática escala dos valores. E, com o encarniçamento do ódio da impotência, afirmaram: só os desgraçados são bons; os que sofrem, os necessitados; são os benditos de Deus; só a eles pertencerá a bem aventurança. (Nietzsche, [1887] 2017, p. 44)

Ou seja, aos nobres e poderosos só teria restado a maldade, a crueldade e a condenação. Nietzsche chamou essa inversão de valores de “moral dos escravos”. Segundo ele, esta moral teria nascido do ressentimento das pessoas, do sentimento de inveja e

hostilidade que as classes subjugadas (os escravos) sentiam em relação aos dominantes (os senhores). Por meio desta inversão, os valores dos senhores foram demonizados e os valores dos escravos, exaltados.

A moral dos escravos, de acordo com Nietzsche, tem uma natureza reativa. Enquanto a moral aristocrática dos senhores sempre se volta para si própria, a moral do escravo olha diretamente para o exterior, ao invés de olhar para si. “A moral dos escravos opõe um ‘não’ a tudo o que não lhe é próprio, que lhe é exterior, que não é seu, este ‘não’ é seu ato criador.” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 47) sendo assim, a moral dos escravos é, em seu âmago, uma reação. O contrário acontece na moral aristocrática que afirma seu conceito negativo e positivo, de forma geral, baseada em si própria. Nietzsche não vê honra no homem do ressentimento, porque em sua perspectiva a moral dos escravos não quer transcender os senhores, mas também fazer deles escravos. No entanto, sobre os escravos ele afirma: “esta raça ressentida há de acabar por ser mais sábia do que a aristocrática” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 49), por conta de sua prudência.

A essência da moralidade do escravo, afirma Nietzsche, é a utilidade em comunidade, bom é aquilo que é útil para toda a comunidade, não apenas para alguns. É assim, afirma Nietzsche, que os fracos ganham poder, corrompendo os mais fortes, fazendo-os acreditar que as causas da escravidão, isto é, o exercício de sua vontade de poder, são más. E que estes devem ser humildes e justos. Neste sentido, os princípios cristãos de caridade, humildade e piedade seriam o resultado da generalização da condição de escravo para toda a humanidade, escravizando, assim, os senhores também.

Contudo, o filósofo pontua que os humildes, os servos e os oprimidos que passam a ser o contrário dos maus — os que não machucam ninguém, não injuriam, nem maldizem, numa palavra, os bons — eles tendem a aguardar que Deus os vingue, evitando as tentações, esperando sempre o mínimo da vida, e, Nietzsche pontua que, na verdade, não estão transmutando os valores, apenas sendo fracos. “Nós, os fracos, não podemos deixar de ser fracos, não façamos, pois, nada que não possamos fazer.” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 57).

O filósofo observou que, historicamente, essa luta entre moralidades de senhores e escravos é recorrente. As antigas sociedades grega e romana tinham como pilar a moralidade dos senhores. O herói homérico é obstinado e de cultura nobre, mas foi derrotado conforme a moralidade escrava do cristianismo foi se espalhando pelo Império Romano. Para Nietzsche, a luta entre a cultura politeísta de Roma (senhores) e o monoteísmo cristão da antiga Judéia e territórios vizinhos no Oriente Médio (escravos) durou continuamente até 323 d.C., quando o Cristianismo, sob Constantino I, se tornou a religião oficial do Império Romano. O filósofo abominava o êxito da moralidade escrava no Ocidente, dizendo que o movimento democrático era a “degeneração coletiva do homem”. Ele afirmava que o movimento democrático era fraco, com ele o ressentimento teria conquistado o sentimento, o que ele denomina “vingança sacerdotal”, a vontade de poder dos fracos que visa escravizar os fortes e, assim, corroer os pilares do poder dos senhores.

Nietzsche traça um paralelo entre a democracia e o cristianismo: ambos buscavam tornar todos iguais, todos escravos. É importante destacar que o filósofo não acreditava que todos tinham que ter a moralidade dominante como o padrão de comportamento. Ele lutava para que houvesse uma reavaliação da moral e uma correção das inconsistências nos dois tipos de moralidade. Porém, se tivesse que escolher, ele afirmava que para o indivíduo, a moralidade do mestre era preferível.

2.4 A Má Consciência e o Cristianismo

Em sua segunda dissertação “A ‘falta’, a ‘má consciência’ e coisas passadas”, Nietzsche busca a origem da responsabilidade e afirma que o homem que pode *prometer* e

tem consciência de liberdade e do poder, é um homem livre. “Este dono do livre arbítrio, este soberano não há de reconhecer quanta superioridade há sobre todas as coisas que não podem prometer e responder por si mesmas.” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 69). Finalmente, este indivíduo encontra a sua escala de valores, criada em si próprio, para ajuizar outros, respeita os fortes que assim como ele também podem *prometer* e despreza os fracos que *prometem* e não são donos de suas promessas. No homem soberano a responsabilidade, a liberdade e o poder sobre si, chama-se *consciência*.

E como teria surgido a consciência de culpa, a má consciência, segundo Nietzsche? Ele faz um paralelo com as relações contratuais de credores e devedores que são antigas e nos levam ao princípio das relações de compra e venda.

É ali que se promete, justamente ali que se forma a memória daquele que promete. (...) O devedor, para inspirar confiança na sua promessa de pagamento, para dar uma garantia, para gravar em sua própria consciência a necessidade de pagamento sob a forma do dever e obrigação, compromete-se, por meio de um contrato com o credor, a indenizá-lo em caso de insolvência com alguma coisa que possui. (Nietzsche, [1887] 2017, p. 74)

Em outras palavras, quando o devedor não podia pagar sua dívida, ele sentia culpa e a obrigação de compensar o credor, a ponto de a punição por não pagamento incluir sofrimento físico ou submissão.

Ainda em sua segunda dissertação, dessa vez buscando a origem da justiça, o filósofo cita o homem ativo e o reativo, o primeiro é agressivo e excessivo, para Nietzsche ([1887] 2017) esse está mais próximo da justiça do que o segundo, pois não precisa considerar o seu objeto de modo errado, ele tem um olhar livre sobre as coisas, a melhor consciência, diferente do homem reativo, o homem do ressentimento, que inventou a má consciência. Todavia, o filósofo afirma que sem a instituição da lei não há justiça ou injustiça, o que ele critica é que durante muito tempo a religião doutrinou através das leis, o homem que antes poderia ser livre, agora segue dogmas religiosos, regras morais e reprime sua natureza interior. “Todos os instintos que não descarregam para fora voltam para dentro, a isto eu chamo de interiorização do homem” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 96).

À proporção que a exteriorização do homem encontrava barreiras, a interiorização foi criando espaço. As barreiras, construídas para se proteger do antigo instinto de liberdade, sobretudo a barreira do castigo, se voltaram contra o homem interior. Nietzsche ([1887] 2017) diz que o castigo não tem uma só finalidade, mas uma síntese de finalidades, ele cita o castigo como meio para impedir, limitar, restringir, inspirar terror, compensar, eliminar, corrigir, festejar, pagar, vingar e guerrear. O filósofo enfatiza que na consciência popular é essencial a fé no castigo.

Refiro-me aos que dizem que o castigo tem a propriedade de despertar no culpado o sentimento de falta, e que é o verdadeiro instrumento desta reação psíquica que se domina má consciência ou remorsos (Nietzsche, [1887] 2017, p. 92).

Toda barreira se dirige contra os instintos naturais, originando assim a má consciência. O homem se persegue, se amedronta e maltrata a si mesmo. Nietzsche ([1887] 2017) diz que essa é a maior e mais perigosa de todas as doenças, o homem doente de si mesmo. O filósofo afirma que “sem crueldade não há gozo, eis o que nos ensina a mais antiga história do homem; o castigo é também uma festa.” (Nietzsche, [1887] 2017, p. 77) Para Nietzsche a crueldade é da natureza humana e o moralismo cristão ensinou o homem a se envergonhar dos

seus instintos, fazendo adentrar na dor um mecanismo de salvação. Dessa forma, a religião foi capaz de explicar o mal.

E para desterrar do mundo a dor oculta e sem testemunhas para o negar de boa-fé, tornou-se necessário inventar deuses e criaturas intermediárias de todas as alturas e profundezas e finalmente algo que se movimenta nas trevas. (Nietzsche, [1887] 2017, p. 79)

Nietzsche ([1887] 2017) declara que o sentimento de ter uma dívida com a divindade não parou de crescer ao longo dos milhares de anos, assim como a humanidade herdou os conceitos de bem e mal da aristocracia, também herdou a política do credor-devedor bem como o desejo de absolvição, só que agora o credor é Deus e os devedores, a humanidade angustiada. O cristianismo então com um golpe de gênio oferece um consolo:

Deus mesmo, oferecendo-se em sacrifício para pagar as dívidas do homem, Deus pagando-se a si mesmo, Deus redimindo o homem do irredimível, o credor oferecendo-se pelo devedor, por amor ao devedor, quem o acreditaria! (Nietzsche, [1887] 2017, p. 104).

A crueldade do homem interiorizado, a tortura a si próprio, seu encarceramento para ser domesticado pela igreja, teria levado o homem a ter uma ideia de obrigação para com Deus. Este Deus, em contraste com a natureza humana do homem, transformou os instintos naturais em culpa.

A vontade do homem de se achar culpado e réprobo até ao infinito; a vontade de ver-se castigado eternamente, sem que o castigo seja equivalente à culpa (...) a vontade de erigir um ideal, o ideal “Deus santo”, para tornar-se-lhe evidente a própria indignidade absoluta... (Nietzsche, [1887] 2017, p. 105).

Sendo assim, a repressão dos instintos naturais é uma consequência inevitável da vida em sociedade e essa repressão é vista como geradora de sentimento de culpa e desconforto interno, o filósofo discute a internalização dos instintos e a formação de um mecanismo interno de vigilância que gera culpa e autopunição e critica o cristianismo por exigir a supressão dos instintos naturais, resultando em um mal-estar profundo nos indivíduos. Para Nietzsche, isso se manifesta como *ressentimento e má consciência*.

3 ANÁLISE DAS DIFERENTES VISÕES DE MORALIDADE APRESENTADAS PELOS PERSONAGENS

Como já mencionado anteriormente, *Hamlet, o Príncipe da Dinamarca* (2020) é uma das mais importantes e renomadas tragédias do dramaturgo inglês William Shakespeare. Escrita entre 1599 e 1602, a peça é frequentemente encenada em palcos de todo o mundo. A história narra o destino do Príncipe Hamlet, que busca vingar a morte de seu pai, o rei Hamlet, assassinado por seu tio Cláudio, o qual usurpou o trono e se casou com a rainha Gertrudes, mãe de Hamlet. A peça mergulha profundamente nos dilemas éticos e morais do protagonista e dos coadjuvantes.

Durante as próximas seções, examinarei os personagens principais quanto às suas perspectivas distintas de moralidade, tentando associá-las aos conceitos nietzscheanos, apresentados anteriormente, bem como a visões preconizadas por outras vertentes filosóficas, como o maquiavelismo e o estoicismo.

3.1 Conflito moral de Hamlet: um ponto de vista Nietzscheano

Hamlet, o príncipe da Dinamarca, é o personagem mais complexo da tragédia, reflexivo e melancólico, assombrado pela verdade que não pode provar, enfrenta questões existenciais e morais durante toda a peça. Após o fantasma de seu pai aparecer para ele, notamos que sua moralidade é cristã, “Que anjos e mensageiros da graça defendam-nos! / Sejas tu um bom espírito ou um demônio maldito, / Se trazes brisa do céu ou rajadas do inferno” (Ato I, cena 4). Ele acredita que existe céu e inferno — concepções da moralidade cristã que Nietzsche considera serem usadas para amedrontar as pessoas sobre as consequências de ações consideradas boas ou más — e a princípio fica em dúvida se as intenções do fantasma são honestas ou diabólicas, visto que o fantasma poderia estar lhe coagindo a cometer um ato pecaminoso, a vingança. Dessa forma, ao revelar o crime, o fantasma impõe a tarefa de vingá-lo, uma obrigação que se tornará o tormento, a obsessão e, eventualmente, a realização do príncipe nos atos seguintes. “Oh vilão, vilão, sorridente, maldito vilão! / Minhas tábulas / Minhas tábulas - é adequado que eu registre / Que alguém pode sorrir e sorrir e ser um vilão!” (Ato I, cena 5). Para existir um herói, precisa existir um vilão, assim como a igreja católica coloca Jesus como herói e o seu oposto para o anjo caído, a personificação do bem e do mal. Na cabeça de Hamlet o único vilão é Cláudio, então seu ato será heroico.

Quando ele conta ao melhor amigo sobre sua conversa com o fantasma, ele fala uma das frases mais famosas da obra “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, / Do que são sonhadas em nossa filosofia.” (Ato I, cena 5). O intuito de Hamlet, ou de Shakespeare, era destacar que a racionalidade e a filosofia são essenciais. No entanto, por si só, elas não têm a capacidade de explicar tudo o que acontece no mundo. Não podemos esquecer que Shakespeare é alguém que viveu entre transições de formas de poder e de sociedade, como explica McGinn (2006), o dramaturgo viveu no final do século XVI e início do próximo século, em uma época em que o método científico ainda estava em processo de consolidação. Logo, precisa de elementos sobrenaturais divinos para que explique e realize o seu destino.

Para conseguir sua vingança, ele usa a estratégia de fingir loucura. Convém notar que ele não pega sua espada e simplesmente mata seu tio, mas precisa ter certeza através de uma confissão, para somente assim poder se vingar. Ao longo da tragédia, ele tem muitas oportunidades, mas sempre hesita em fazê-lo. Hamlet é frequentemente colocado em profunda meditação sobre a vida, a morte, a responsabilidade e o destino, nos presenteando com vários solilóquios existenciais memoráveis, como o mais famoso:

Ser, ou não ser; esse é o dilema:
 Se é mais nobre na mente padecer
 As pedradas e flechas da bruta fortuna,
 Ou pegar em armas contra um mar de problemas,
 E, nesse opor-se, findá-los. Morrer, dormir -
 Não mais, e por um sono dizer que findamos
 A angústia e os mil choques naturais
 Que a carne herda - é uma consumação a
 Ser devotamente desejada. Morrer, dormir. (Ato III, cena 1)

Hamlet questiona se deve pôr um fim à vida ou vivê-la mesmo em constante sofrimento. Se a vida é dolorosa, então o sono da morte é preferível, porém a incerteza da morte é devastadora. A consciência da própria existência é o que paralisa este pensamento do personagem, pois o medo do que pode haver após a morte se torna avassalador. O dilema de Hamlet é intensificado também pela moralidade cristã, com a possibilidade de enfrentar

punição eterna por cometer tal ato. O personagem não é o único a refletir sobre questões existenciais. O próprio Nietzsche (2017, p. 171) indaga: “Para que existe o homem?”, questão essa para a qual o filósofo diz não ter a resposta, mas que para ficar em paz consigo mesmo o homem precisa do *ideal ascético*, produto final do ressentimento e má consciência, um instinto insatisfeito que contrasta com a vontade de viver. Assim, a negação da vida se torna um meio de combate, não contra a vida em si, mas contra a morte, para continuar vivendo. “O homem, o animal mais valoroso e enfermiço, não repele a dor, antes ele a procura, contanto que lhe digam o porquê.” (Nietzsche, 2017, p. 172). Os ideais ascéticos aparecem como uma forma de suportar a existência.

Durante o solilóquio inteiro de Hamlet, o personagem está perturbado com a ideia de viver uma vida em dor “Quem suportaria o açoite e a troça deste tempo” (Ato III, cena 1), porém o medo do desconhecido o impede de cometer seu ato covarde, “E nos faça antes suportar os males que já temos / Do que voar a outros que não conhecemos?” (Ato III, cena 1). Nesse sentido, Hamlet volta à sua dor inicial, renunciando à sua vontade de poder e seus planos de vingança. Comentando sobre os ideais ascéticos, Nietzsche afirma:

Esta falta de finalidade na dor é a maldição que pesou sempre sobre a humanidade. Agora bem: o ideal ascético apresenta uma finalidade. Era a única; alguma coisa é melhor do que nada; Ele explicava a dor; enchia um imenso vácuo; fechava a porta ao suicídio do niilismo. (Nietzsche, 2017, p. 172)

Neste trecho de *A Genealogia da Moral*, mesmo reconhecendo que o ideal ascético cumpria uma função importante: dar sentido ao sofrimento humano e oferecer um propósito em um mundo onde a dor parecia não ter razão de ser, Nietzsche o critica, por ver nesse ideal uma resposta insuficiente e temporária ao problema da dor e do niilismo⁴, uma vez que, em sua visão, o ascetismo era visto como uma negação da vida e, conseqüentemente, da vontade de poder.

Entretanto percebemos que Hamlet é muito procrastinador, reflete muito, mas nunca age, a hesitação do príncipe em matar seu tio Cláudio também pode ser explicada pela culpa cristã e pela má consciência, inventada pelo *homem do ressentimento* que agia contra os instintos humanos, criando barreiras externas, enquanto o homem internalizado ganhava espaço e se sentia culpado por desejar o que não deveria. Mesmo conseguindo ouvir da boca de seu tio uma confissão enquanto ele rezava, Hamlet reflete:

Agora é a hora própria, agora que está orando,
E agora eu o farei, e assim ele vai para o céu,
E assim sou vingado. Isso requer exame.
Um vilão mata meu pai, e por isso
Eu, seu único filho, envio este mesmo vilão
Para o céu.
Oh, isto é contrato e salário, não vingança! (Ato III, cena 3)

Se o matasse naquele instante de “arrependimento” de suas preces, segundo a moral cristã, Cláudio iria para o céu e para Hamlet não bastava apenas a morte, ele queria que seu tio fosse condenado ao inferno, então se assegura de que só matará o rei no momento em que ele estiver em pecado.

⁴ Segundo Pedro Menezes, “o niilismo é a compreensão de que a vida não possui nenhum sentido ou finalidade.” Toda Matéria. Niilismo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/niilismo/> Acesso em 12 de agosto de 2024.

Seu caso é grave. E estou eu então vingado
 Ao tomá-lo no purgar de sua alma,
 Quando ele está ajustado e preparado pra passagem?
 Não. (...) Quando ele estiver roncando de bêbado, ou em fúria,
 Ou no prazer incestuoso de sua cama,
 No jogo, xingando, ou em algum ato
 Que não tenha sabor de salvação,
 (...) Que sua alma possa ser tão maldita e escura
 Quanto o inferno ao qual vai. (Ato III, cena 3)

Ao contrário de um herói de ações, Hamlet é um herói trágico⁵, marcado pela reflexão e contemplação filosófica. Hamlet apresenta o que Nietzsche denomina de moralidade de escravo quando espera que Deus o vingue — caso seu tio morra enquanto está em ato pecaminoso — e mande Cláudio para o inferno. A jornada do príncipe em busca de vingança pela morte de seu pai, a princípio começa heroica, “o filho que vinga o pai”, mas durante a peça, Hamlet manipula as pessoas, como no caso de Ofélia que chega a enlouquecer, ou as emoções de sua mãe e de Horácio. Ele chega até a matar Polônio, pensando que era o rei, e nos mostra que quando finalmente resolve agir, o faz de forma impulsiva e desastrosa. Hamlet acaba se perdendo no seu propósito, deixando muitas vítimas para trás em sua busca por vingança, incluindo Laertes — o qual já havia perdido sua família por conta das ações do príncipe — que é ferido em combate e inoculado com o veneno que havia destinado ao príncipe. Mesmo mortalmente ferido, durante a partida de esgrima com Laertes, Hamlet sente que está pronto para finalmente cumprir sua vingança: esfaqueia Cláudio e, num ato de justiça poética, faz o rei tomar o resto do veneno que havia preparado para o príncipe, ou seja, ele pegou o tio cometendo atos atroz e aproveitou que também sua vida já estava se esvaindo para finalmente realizar sua vingança e morrer como herói.

3.2 Cláudio, Polônio e Laertes: uma Ótica Maquiavélica

Cláudio, tio de Hamlet e rei da Dinamarca, pode ser associado ao maquiavelismo, que se refere às ideias e práticas políticas descritas por Nicolau Maquiavel, especialmente em sua obra *O Príncipe* ([1532] 2011). Essa obra funcionaria como um manual político destinado a governantes que desejam não apenas manter-se no poder, mas também expandir suas conquistas. Observando o que é descrito no livro, o governante poderia aprender a planejar e refletir sobre suas ações para garantir a estabilidade do Estado e do governo e Maquiavel utiliza exemplos de sucessos e fracassos de diversos reis para ilustrar seus conselhos e opiniões.

O maquiavelismo geralmente é associado a práticas políticas que enfatizam a astúcia, a manipulação e a falta de escrúpulos para alcançar e manter o poder. Segundo Maquiavel (2011), o governante deve anular questões ou preceitos morais e religiosos que possam interferir em suas decisões. O príncipe deve agir com um único objetivo: manter o poder. Essa é a chave para o sucesso e o engrandecimento da pátria. Em algumas situações, é necessário que o governante seja pragmático e, às vezes, que haja de maneira contrária aos princípios morais e religiosos para manter o poder e proteger seu estado, “Portanto, é preciso que ele tenha uma mente disposta a mudar de acordo com os ventos e as variações da sorte e ainda,

⁵ “Um herói trágico é um personagem com traços heroicos ou nobres, mas também com uma falha fatal que acaba levando à sua queda. Essa falha pode ser qualquer coisa, desde orgulho ou vaidade até curiosidade excessiva ou ciúme, mas sempre levará à morte do personagem, seja literal ou metafórica.” Escrita Selvagem. O que é um Herói Trágico?. Disponível em: <https://escritaselvagem.com.br/como-escrever/heroi-tragico/> Acesso em 03 de agosto de 2024.

como eu disse antes, não deixar de ser bom se possível, mas, se necessário, saber então ser o inverso.” (Maquiavel, 2011, p. 141), para preservar seus domínios. Cláudio exemplifica esse comportamento. Quando usurpa o trono após assassinar seu irmão, o rei, ele demonstra uma ambição desmedida, uma disposição para usar métodos cruéis e recorrer à manipulação para atingir seus objetivos. Ao fazê-lo, Cláudio parece ecoar Maquiavel, quando o pensador italiano afirma: “Pois os homens são vistos fazendo coisas que os conduzem ao fim que cada um tem por objetivo, isto é, glórias e riquezas” (Maquiavel, 2011, p. 194).

Outras características de Cláudio são a falsidade e a deslealdade. Ele se apresenta como um governante justo e benevolente, mas suas verdadeiras intenções são enganosas, alinhando com a ideia maquiavélica de que a aparência pode ser mais importante do que a realidade para manter o poder. “É, portanto, desnecessário que um príncipe tenha todas as qualidades anteriormente mencionadas (piedoso, fiel, humano, religioso e íntegro), mas é bastante necessário que ele dê a impressão de possuí-las.” (Maquiavel, 2011, p. 141). Sússekind (2021) pontua que se não fosse o fantasma do ex-rei, Cláudio legitimaria seu poder diante de todos sorrindo, como se fosse inocente.

Comentando sobre o momento em que o vilão da tragédia confessa seu crime no famoso solilóquio, enunciado no ato III, cena 3:

Oh, meu delito é fétido! O ressaibo chega ao céu.
Ele carrega a maldição primeva mais antiga,
O assassinato de um irmão. Orar eu não posso.
(Ato III, Cena 3)

Sússekind (2021) destaca que Cláudio passa a ter duas faces distintas: uma com a qual representa o papel de soberano absoluto diante da corte e a outra, a do usurpador que recorre a planos cruéis para tentar manter o poder conquistado através de seus crimes. Contudo, analisando o solilóquio, identifiquei uma terceira face, a do moralismo cristão. Cláudio começa falando da maldição mais antiga, de Caim e Abel e, identificado com o primeiro fraticida, afirma que não tem o direito de orar. Em seu desabafo, ele expressa sua culpa e sua má consciência.

E o que há na prece senão esta força dupla,
De ser impedidos antes da queda,
Ou perdoados quando caídos? Então coragem.
Minha falta está feita - mas Oh, que forma de prece
Pode me servir? “Perdoai meu sujo assassinato”?
Isso não pode ser, já que ainda possuo
As vantagens pelas quais cometi o assassinato
Minha coroa, minha própria ambição e minha rainha.
Alguém pode ser perdoado e reter as vantagens?
(Ato III, Cena 3)

No entanto, continua clamando perdão em sua prece e se questiona se alguém pode ser perdoado e, ainda assim, continuar com as conquistas fruto de atos pecaminosos, mostrando que ele tenta seguir a moral tradicional cristã, por medo do além-vida, também chamado de purgatório, um lugar que se configura no cristianismo como um espaço para purgar as almas, um castigo por tempo indeterminado que as almas pecadoras devem sofrer, para se purificarem e entrarem no reino de Deus.

Nos procedimentos corruptos deste mundo
A rica mão do infrator pode evadir a justiça,

E muitas vezes é o próprio butim maldito
 Que compra a lei. Mas não é assim lá em cima.
 Lá não há evasão, lá o caso existe
 Em sua verdadeira natureza, e somos
 Compelidos, cara a cara com nossas faltas,
 A produzir as provas. (Ato III, Cena 3)

Entretanto, na maior parte do tempo Cláudio é regido pela sua *vontade de poder*. O comportamento de Cláudio reflete não apenas esse conceito de Nietzsche, como também a ideia maquiavélica de que os fins justificam os meios. Ele está disposto a cometer atos imorais e cruéis para preservar sua posição e evitar a perda do poder.

No que se refere a Polônio, personagem que é alvo frequente da sagacidade irônica de Hamlet, destaca-se uma fala em particular que geralmente é retirada do contexto e citada como um exemplo da “sabedoria shakespeariana”. Trata-se da conclusão de uma série de conselhos que o conselheiro do rei oferece ao filho Laertes, antes que este parta para a França: “Isto acima de tudo — seja verdadeiro consigo mesmo, / E deve seguir-se, como a noite o dia, / Não poderás ser falso com nenhum homem.” (Ato I, cena 3).

McGinn (2006) questiona o fato de essas palavras não fazerem sentido para o personagem e aponta sua incoerência, pois Polônio se orgulha de sua fidelidade, mas “ainda assim é tão falso para os outros quanto qualquer um poderia ser” (2006, p. 59). Ao longo da tragédia, Polônio nos mostra que é especialista em discursos suaves, porém vazios, e esta passagem é um exemplo. Suas intrigas e atos de espionagem acontecem em vários momentos da narrativa. Pouco tempo depois de fazer o belo discurso em que dá conselhos ao filho, Polônio envia o empregado Reynaldo para espioná-lo na França. Questionado pelo empregado por que deveria espalhar falsidades sobre Laertes, ouve a seguinte explicação: “Tua isca de falsidade atraiu a carpa da verdade. / É assim que nós, pessoas sábias e sagazes, / Por vias sinuosas e bolas de efeito, / Achamos a direção com indiretas.” (Ato II, cena 1).

O último ato de espionagem de Polônio acontece nos aposentos da Rainha Gertrudes, como se pode ver no trecho abaixo, em que ele avisa ao Rei Cláudio que o manterá informado sobre o que escutar do diálogo entre Hamlet e a rainha:

Meu senhor, ele está indo pro aposento da mãe. Atrás da tapeçaria eu me ocultarei para ouvir as tratativas. Garanto que ela vai censurá-lo. E, como dissestes - muito sabiamente - é adequado que alguém mais do que só a mãe, já que a natureza as torna parciais, ouvisse a conversa também. Até mais, meu senhor. Eu vos chamarei antes de dormirmos, para vos contar o que souber. (Ato III, cena 3).

Observe que o personagem sempre busca servir aos interesses do poder, exibindo uma atitude pragmática e manipuladora, características do maquiavelismo. Num ato de justiça poética, ele acaba sendo vítima de sua própria bisbilhotice, ao ser morto por Hamlet que o confunde com o rei, quando Polônio grita por ajuda, por trás da tapeçaria do quarto da rainha.

Por sua vez, o filho de Polônio, Laertes, é um personagem com uma moralidade flexível e situacional. Inicialmente, ele não demonstra ser uma pessoa vingativa e impetuosa. Contudo, depois que ele toma conhecimento da morte do pai e de que sua irmã, Ofélia, enlouqueceu e também morreu, imediatamente ele deseja fazer o príncipe pagar pelo que fez com sua família, ou seja, a moralidade dele se adapta para poder justificar seu desejo de vingança. Nesse processo, ele acaba sendo facilmente manipulado pelo rei Cláudio que o

⁶ Texto original: “and yet he is as false to others as anyone could be” (McGINN, 2006, p. 59)

questiona sobre o que ele seria capaz de fazer para vingar a morte do pai, ao que ele responde: “Cortar-lhe a garganta [de Hamlet] na igreja.” (Ato IV, cena 7). Assim, Laertes transita da moralidade cristã para uma ética bárbara de retaliação, na qual prevalece a vontade de poder, manifestada no desejo de vingança.

3.3 Horácio e Fortinbras: Perspectivas Estoicas

O estoicismo foi uma das correntes filosóficas mais influentes do helenismo na Antiguidade, enfatizava a importância da razão e afirmava que as emoções destrutivas surgem de equívocos em nossa percepção do mundo. A escola estoica exerceu uma profunda influência na civilização greco romana e no pensamento ocidental em geral, estando presente também no cristianismo. Nesse sentido, Horácio, amigo leal do príncipe Hamlet, é um seguidor da escola estoica, o próprio príncipe reconhece que ele enfrenta a má e a boa sorte com imparcialidade, “Como alguém que sofre tudo, mas nada sofre, / Um homem que os tabefes e favores da Fortuna / Recebe igualmente” (Ato III, cena 2). Quando ele encontra o fantasma do ex-rei, conta a Hamlet sobre sua aparição e na noite seguinte o Fantasma acena para Hamlet segui-lo, Horácio tenta impedir que ele vá sozinho com o espírito.

E se ele o atrair para o oceano, meu senhor,
Ou para o terrível topo do penhasco (...)
E lá assumir outra forma horrível
Que poderia privar sua soberania da razão
E o mover à loucura? Pense nisso. (Ato I, cena 4)

Horácio representa a racionalidade. Ao falar sobre a soberania da razão de Hamlet que ficaria abalada, o levando à loucura, e sobre a soberania dele como herdeiro do trono da Dinamarca. Ele busca mostrar o que é real, o que já existe, no caso o trono. Sêneca, um grande filósofo do estoicismo, em sua obra *Sobre a brevidade da vida* antecipa essa fala de Horácio muito bem, quando diz que as pessoas esquecem o que tem no presente por conta de expectativas futuras “Tu dispões o que está nas mãos da Fortuna, deixas de lado o que está nas tuas. Para onde olhas? Para onde te projetas? Tudo o que há de vir repousa na incerteza.” (Sêneca, 2017, p. 16).

Horácio demonstra, na maior parte do tempo, estabilidade emocional, “Horácio, tu és mesmo o homem mais equilibrado / Com quem já privei em toda a minha vida.” (Ato III, cena 2). Ele também aconselha Hamlet a não aceitar o desafio do rei para competir com Laertes em um duelo, “Se a sua mente se aborrecer com alguma coisa, obedeça-a. Eu impedirei a chegada deles aqui, e direi que você não está em forma.” (Ato V, cena 2) Sempre ele tenta ajudar Hamlet a lidar com essa obsessão por vingança. Sêneca (2014) diz que

(...) nenhuma paixão é mais desejosa de vingar-se do que a ira, e por isso mesmo ela é inábil para vingar-se. Por ser muito apressada e insana, como em geral toda cupidez, ela própria serve de obstáculo para aquilo a que se apressa. Assim, nem na paz, nem na guerra, ela jamais foi um bem. (Sêneca, 2017, p. 54)

Seguidor do estoicismo, Horácio é descrito por Hamlet como imune aos excessos da paixão, quando o Príncipe diz: “Mostra-me o homem / Que não é escravo da paixão, e eu o levarei / No fundo do meu peito, carne do meu coração.” (Ato III, cena 2).

Horácio tenta sempre seguir essa linha estóica de pensamento, mas como quase todo personagem dessa tragédia shakespeariana, ele também destoa em alguns momentos. Hamlet

manipula emocionalmente Horácio para que o ajude a identificar a expressão de seu tio ao ver os atores encenando a morte do antigo rei. Outro momento importante é quando Hamlet está morrendo e Horácio em um instante de desespero, onde não há equilíbrio, diz que vai se envenenar também, “Não creias nisso. / Eu sou mais um romano antigo⁷ que um danês. / Há alguma bebida ainda.” (Ato V, cena 2). Os romanos antigos, diferentemente do que prega o cristianismo, consideravam o suicídio um ato heroico, então preferiam a morte do que viver sem honra e sem a companhia e um nobre amigo, mas Hamlet não o deixa fazer isso

Se és um homem,
Dá-me a taça. Larga. Pelo céu, eu beberei isso.
Oh deus, Horácio, (...)
Se alguma vez me prezastes em teu coração
Ausenta-te da felicidade por um momento,
E nesse árduo mundo aspira o ar com dor
Para contar minha história. (Ato V, cena 2)

Por conta da moral cristã ele pede que o amigo adie a ida para o céu (a promessa da felicidade) e que viva, para poder limpar o nome dele, contando a verdadeira história do príncipe da Dinamarca.

Na mesma corrente estoíca se encontra Fortinbras, o príncipe da Noruega. Com disciplina e determinação, ele tenta recuperar a honra de seu pai, que tinha sido morto em combate pelo rei Hamlet, bem como a do seu reino, já que seu falecido pai perdeu territórios nessa batalha. Essa busca de reparação mostra uma aderência estoíca ao dever e à honra. Vale destacar que, diferentemente de Cláudio, o príncipe da Noruega não usa métodos covardes e traiçoeiros para conseguir o que quer. Fortinbras possui essa força cósmica harmônica do estoicismo, manifestada no destino imutável de uma natureza que age de forma ordenada, natural e divina. Cláudio manipula o rei da Noruega para restringir Fortinbras em relação à Dinamarca, mas nada que ele tente vai mudar a força cósmica harmônica, visto que no final Fortinbras acaba se tornando o rei da Dinamarca. Epiteto ([1493] 2014), um dos filósofos representantes do estoicismo relata “se devo morrer, morrerei quando chegar a hora. Como, ao que me parece, ainda não é a hora, vou comer porque estou com fome.” O que Epiteto quer transmitir aqui é a ideia de que “o que tiver que acontecer, acontecerá”, mas se não preciso lidar com isso no momento, vou me ocupar com outra coisa. Fortinbras é a exemplificação dessa passagem, teve resiliência, honra, contou indiretamente com o *determinismo* imutável, para selar sua conquista. Um pouco antes dele chegar à corte de Elsinor, no final da tragédia, Hamlet, prestes a morrer por envenenamento, profetiza:

Não vou viver para ouvir notícias da Inglaterra,
Mas de fato prevejo que a escolha recai sobre
Fortinbras. Ele tem meu voto moribundo.
Assim conta-lhe os eventos, maiores e menores,
Que levaram a isso. O resto é silêncio. (Ato V, cena 2)

Fortinbras honra a memória do príncipe Hamlet, ordenando um funeral com honras militares, “Carreguem Hamlet como um soldado ao tablado / Pois era provável, se tivesse assumido o trono, / Que seria de muita realeza” (Ato V, cena 2). O destino se concretiza, o filho que perdeu o pai em batalha para o rei da Dinamarca, depois de tanta guerra, manipulação e mortes se manteve firme no seu objetivo, sem precisar se igualar a Cláudio que

⁷ Segundo Gentil Saraiva Jr (2020, p. 207), “Que ele vai viver mais que Hamlet; como os romanos antigos, considera o suicídio um ato heroico.”

tudo o que conquistou com o tempo ruiu. Sêneca (2017) diz que “um bom caráter é a única garantia de eterna e despreocupada felicidade” e vemos isso em Fortinbras, ele não muda a vontade de poder dele que está canalizada de forma honrada.

3.4 Ofélia e Gertrudes: o patriarcado e o cristianismo

As mulheres em Shakespeare geralmente não são vistas como participantes do poder político, mas frequentemente estão observando ou ao lado dos homens que possuem este status de prestígio. Isso se dá, provavelmente, porque quando o Bardo chega a Londres, no final do século XVI, ele molda suas figuras femininas de acordo com os padrões dramáticos da época, resultando em personagens um tanto estereotipadas. Algumas buscam evitar a violência gerada pelo poder, como a desafortunada Ofélia que acaba se tornando a maior vítima das maquinções em *Elsinor*. Porém, há também aquelas que usam sua sexualidade para se inserir ou continuar na dinâmica do poder, como a Rainha Gertrudes. Essas mulheres, frequentemente próximas ao círculo de poder, testemunham a hegemonia masculina.

A doce Ofélia, filha de Polônio e irmã de Laertes, alvo dos cortejos do príncipe Hamlet, se encontra nos parâmetros da moral de sua época, cristã e patriarcal. Ela é vista como propriedade de personagens masculinos durante toda a tragédia e tem seus desejos e vontades reprimidos. Quando Polônio descobre que Hamlet corteja sua filha, ele avisa que o príncipe está brincando com ela e que a filha é muito inocente para perceber, “Pela Virgem, vou ensinar; pensai-vos como um bebe / Que tomastes as ofertas dele como reais, / Mesmo não sendo legais. Tratai-vos melhor, / Ou me tratareis como um tolo.” (Ato I, cena 3). Ofélia, segundo Santos e Costa (2010), é a imagem da “donzela inocente” herdada da Idade Média, em que a representação católica para as mulheres era a Virgem Maria. A filha de Polônio tenta argumentar dizendo que as intenções do príncipe são honradas, mas o pai não a escuta e logo a silencia dando um ultimato, “De uma vez por todas - não gostaria, que fique claro, doravante, / Que vos ultrajásseis o lazer de um momento / Pra dar palavras ou falar com o Nobre Hamlet.” (Ato I, cena 3). Para Ofélia que passou a vida atrás das figuras masculinas, por conta do patriarcado e da moral cristã, o que restou foi obedecer e se submeter a continuar sendo essa imagem idealizada por eles. Após Ofélia romper seu contato com Hamlet, seguindo as orientações de seu pai, Polônio sugere que a frustração de Hamlet pelo amor não correspondido de Ofélia seja o que o enlouqueceu, junto com Cláudio, eles usam Ofélia para descobrir a raiz da loucura de Hamlet.

Ofélia, vinde aqui. - Vossa Graça (ao rei), se voz apraz,
Iremos nos posicionar. - (a Ofélia) Lede este livro,
Essa mostra de exercício devocional camufla
Vossa solidão. Com frequência somos culpados disso:
É bastante provado que com um ar de devoção
E atos piedosos adoçamos
O próprio demônio. (Ato III, cena 1)

Ofélia é uma das heroínas de Shakespeare, sacrificada pela vontade de poder de Polônio, Cláudio e Hamlet. Após Hamlet matar seu pai e seu irmão estar longe, Ofélia se vê sozinha sem uma figura paterna/masculina para lhe aconselhar ou direcionar. Nesse sentido, como ensina Raffel (2003, p. 30), “para ela e para outras mulheres elisabetanas em circunstâncias semelhantes, não existe um caminho para sair do desespero e da desesperança⁸”, então enlouquece. Invade o castelo atrás da rainha Gertrudes e começa a falar

⁸ Texto Original: “*There is, for her and for other Elizabethan women in similar circumstances, no pathway out of despair and hopelessness.*” (Raffel, 2003, p. 30)

frases sem *sentido* para eles, “Bem, Deus vos pague. / Dizem que a coruja era filha de um padeiro.”⁹ (Ato IV, cena 4). Se antes a obediência e o silêncio eram suas principais características, no fim a loucura lhe deu liberdade para se expressar, entre seus devaneios e suas canções.

Amanhã é dia de São Valentim,
Bem cedinho na alvorada,
E eu uma moça a sua janela
Para ser sua namorada.
Ele então se levantou, e as roupas vestiu,
E a porta do aposento abriu;
Deixou a donzela entrar, que nunca mais
Donzela saiu. (Ato IV, cena 4)

Mesmo com algumas palavras em desordem e aparente incoerência, sua fala revela grande parte da angústia existencial e sexual que afligem a personagem, cujas ações e escolhas nunca lhe foram permitidas. Informando sobre sua morte a Laertes, a Rainha Gertrudes descreve a tragédia de forma idealizada e poética, como um retorno de Ofélia à natureza:

Há um salgueiro que cresce sobre um riacho
Que reflete as folhas cinzentas na vítrea corrente.
Lá ela fez estupendas guirlandas com ranunculus,
Urtigas, margaridas e orquídeas púrpuras,
Que rudes pastores dão um nome mais chulo,
Mas nossas castas moças chama “dedos de defuntos” (Ato IV, cena 7)

Nesse trecho, a rainha remete à delicadeza de Ofélia utilizando elementos da natureza para adequar Ofélia à perspectiva que Laertes gostaria de ter no que diz respeito à sua irmã, bela, jovem e inocente. As folhas cinzentas podem representar o ciclo da vida, que no caso de Ofélia estava chegando ao fim, as belas flores a sua doçura, no caso da urtiga e dos “dedos de defunto” respectivamente representados como a dor que ela estava sentindo e a sexualidade, ambas reprimidas pela moral da época e o patriarcado.

Quanto à Gertrudes, ela é uma personagem profundamente influenciada pela moral cristã da época. Ao se casar com Cláudio apenas dois meses após a morte de seu primeiro marido, seu filho Hamlet a julga e não consegue aceitar como ela poderia ter se “corrompido” tão rapidamente. Hamlet a idealizava com devoção, assim como fazia com Ofélia.

[...] Mas nem pensar; fragilidade, teu nome é mulher -
Um mês curto, ou antes que aqueles sapatos gastassem
Com os quais ela seguiu o corpo do meu nobre pai,
Como Níobe, em lágrimas, por que ela, mesmo ela -
Oh Deus, uma fera a quem falta a razão
Teria luto mais longo! (Ato I, Cena 1).

Quando questionada pelo rei, qual seria a doença de Hamlet, ela mesma reconhece “Suspeito que não seja outra que as causas principais - / A morte de seu pai e nossa apressada união.” (Ato II, cena 2). O que Hamlet ignora, por ser homem, é que a moral tradicional da

⁹ Segundo Gentil Saraiva Jr (2020, p. 155), “Essa passagem pode ser sobre um conto popular sobre a filha de um padeiro que se recusou a dar pão a Jesus e ele a transformou em coruja.”

época pressionava as mulheres a se casarem e, como dito anteriormente sobre Ofélia, as mulheres não tinham muitas expectativas de ascensão ou preservação do status social, a menos que fosse através de um homem. Sem esse suporte muitas eram fadadas à morte ou à prostituição.

Hamlet vai aos aposentos de sua mãe para confrontá-la, afirmando que não sairá até que ela olhe para seu interior e reconheça seus pecados. Ele usa constantemente elementos religiosos para que ela sinta culpa e tenha a má consciência.

Um ato assim
 Que borra a graça e o rubor do decoro,
 Chama a virtude de hipócrita, tira a rosa
 Da bela fonte de um amor inocente
 E põe lá uma mácula, torna votos nupciais
 Em falsas promessas de apostadores -
 Oh, uma ação tal arranca do corpo do contrato
 A própria alma, e faz da terna religião
 Uma miscelânea de palavras. (Ato III, cena 4)

Hamlet profere duras palavras contra sua mãe, na intenção de fazê-la acordar, mas é cruel colocar Gertrudes diante de uma situação da qual ela também foi vítima, e pensando no lugar dela na sociedade patriarcal/cristã, ela não pode realizar grandes feitos para mudar a realidade, tanto que o fantasma do pai de Hamlet aparece para dizer que ele não perca o foco de sua vingança e pede para que ele pare de perturbar a mente de Gertrudes que se encontrava desolada.

Oh Hamlet, não fales mais!
 Tu viras meus olhos pra dentro de minha própria alma,
 E lá eu vejo manchas tão escuras e indeléveis
 Que não cessarão suas nódoas. (Ato III, cena 4)

A rainha morre durante a partida de esgrima entre Hamlet e Laertes quando insiste em beber de uma taça que o rei havia destinado a Hamlet, sem saber que o vinho estava envenenado. Mais uma personagem morta pelo maquiavélico rei Cláudio, cuja sede de poder para eliminar qualquer ameaça à sua soberania levou-o a matar sua amada esposa, ainda que por engano.

4 REFLEXÃO SOBRE A MORALIDADE COMO FORÇA MOTRIZ POR TRÁS DAS AÇÕES DOS PERSONAGENS

A moralidade, conforme compreendida por Nietzsche, desempenha um papel central nas ações dos personagens e nas trágicas consequências de suas escolhas. A luta interna de Hamlet, a sede de poder de Cláudio, a manipulação de Polônio, a vingança de Laertes, a racionalidade de Horácio e Fortinbras e as expectativas sociais em relação a Ofélia e Gertrudes são todas moldadas por diversas interpretações e apropriações da moralidade.

Os destinos de Gertrudes e Ofélia são moldados pela moralidade e normas sociais da época. A rainha é duramente criticada, pelo seu filho, por sua rápida união com Cláudio “Fragilidade, teu nome é mulher!” (Ato I, cena 2). Essa frase demonstra o sexismo que prevalecia na sociedade patriarcal e como eram as expectativas de Hamlet em relação à sua mãe. Ele queria que ela continuasse de luto, por tempo indeterminado, fosse imaculada, como a Virgem. Da mesma forma, Hamlet age com Ofélia, mesmo a amando, ele teme que ela se corrompa como sua mãe, um temor que se confirma quando ele percebe que ela está

reportando suas trocas a Polônio e, conseqüentemente, ao rei Cláudio. São mulheres que sofrem desde o início da tragédia, tem suas vontades reprimidas, pela moralidade da época, são silenciadas, manipuladas e embora tenham posições diferentes na sociedade, as personagens acabam por ter o mesmo fim, a morte. Gertrudes acaba morrendo pela sede de poder de Cláudio, ao beber o veneno destinado a seu filho, assim com Ofélia, submissa e manipulada, “(...) como bem me ordenastes / Eu realmente repeli suas cartas e neguei / Seu acesso a mim. (Ato II, cena 1). Sempre subjugada às vontades do irmão, do pai e do rei, ela nunca pôde fazer o que realmente desejava, uma vez que a moralidade cristã e as expectativas masculinas a restringiam. Após enfrentar a morte de seu pai, o afastamento do irmão e a aparente loucura de Hamlet — suas principais referências masculinas — ela se vê sozinha e sucumbe à pressão e à própria insanidade.

Horácio e Fortinbras são personagens mais estáveis, influenciados pela moral estoica. Fundamentados na razão, eles deixam a natureza seguir o seu curso. Horácio, amigo leal de Hamlet, durante a peça serve como a voz da racionalidade, sempre aconselhando e tentando ajudar o príncipe. No final quando Hamlet está morrendo, nós vemos uma outra face de Horácio: a balança moral dele acaba se desequilibrando e ele tenta tomar a taça com o que sobrou do veneno, num ato desesperado, considerado niilista — rejeitando o propósito da vida e cético em relação à própria existência. Porém, Hamlet o impede, “E neste árduo mundo aspira o ar com dor / Pra contar minha história.” (Ato V, cena 2). Então Horácio rapidamente recupera sua racionalidade, para cuidar do funeral do príncipe, “Mas que essa cerimônia seja logo realizada, / Mesmo que as mentes dos homens estejam perturbadas, / Para evitar outros flagelos de complôs e erros.” (Ato V, cena 2). Fortinbras, por sua vez, ordena que o funeral de Hamlet seja realizado com grande honra: “Clamem alto por ele. / Erguei o corpo. Um espetáculo como este é pra ocupar / Um campo de batalha, aqui está fora de lugar. / Ide, pedi aos soldados que disparem.” (Ato V, cena 2). O príncipe da Noruega guia sua vida segundo os princípios da moral estoica. Honrado, racional e disciplinado, ele também perdeu seu pai, morto em duelo contra o pai de Hamlet. No entanto, ao contrário de Hamlet, ele não busca vingança — permitindo que a força cósmica harmônica haja — ele segue seu curso natural. Como resultado, ele se torna o rei da Dinamarca, um destino que Hamlet também poderia ter alcançado se não tivesse se desviado de seu caminho.

Em Cláudio, é possível identificar duas das principais ideias preconizadas por Maquiavel. A ideia de que a verdadeira essência do indivíduo está oculta, “Oh minha alma profética! Meu tio?” (Ato I, cena 4). Hamlet sentia em sua alma que havia algo de errado com a estranha morte de seu pai, as motivações reais do rei Cláudio até então estavam escondidas sob uma fachada social. No entanto, após a revelação do fantasma, Hamlet é o primeiro a tomar conhecimento da duplicidade do rei Cláudio. “E como um homem empenhado em dupla tarefa / Eu me posto hesitando onde devia iniciar, / E ambas negligencio.” (Ato III, cena 3). Além dessa, Cláudio possui outra faceta maquiavélica, a astúcia política, ele vê suas ações desviantes — manipulação e assassinato — como aceitáveis para conquistar e manter seu poder. A vontade de poder de Cláudio tem um impacto direto sobre as vidas de todos os personagens. Hamlet quer vingança por ele ter matado seu pai; Gertrudes morre por acidente ao beber o veneno que não era destinado a ela; Ofélia era manipulada por ele e por seu pai; Polônio também morre por acidente, escondido nos aposentos de Gertrudes para escutar a conversa dela com Hamlet, servindo aos desejos do rei; Laertes acaba sendo manipulado a duelar com Hamlet e, no confronto, acaba morto pelo veneno que havia colocado na ponta da espada e, por fim, Hamlet é golpeado com essa espada envenenada, mas não morre antes de levar o rei com ele, golpeando-o e fazendo-o beber seu próprio veneno, ou seja, a imoralidade e desejo de poder de Cláudio resultam na morte de quase todos os personagens principais.

Polônio e Laertes caminham entre as moralidades cristã e patriarcal, sempre nas cenas com Ofélia, sobre a qual exercem a pressão desta moralidade. Laertes aconselha sua irmã a

seguir o que ele diz “Quanto a Hamlet, e à frivolidade de sua atenção, / Tome como moda e um capricho sensual, / (...) Não mais.” (Ato I, cena 3). Enquanto Polônio, como vemos em trechos anteriores, a proíbe de ver Hamlet, sem ao menos considerar suas vontades. Os dois também apresentam manifestação da moral maquiavélica. Após proibir sua filha de ver Hamlet, por interesses da coroa, ele a usa como um instrumento para descobrir a causa da “doença” do príncipe. A manipulação de Polônio sempre é acionada pelo interesse em servir ao ou almejar o poder. Já Laertes, quando chega de viagem, no trecho final da tragédia, e vê que sua família foi destruída, não tem mais nada a perder e acaba caindo na manipulação de Cláudio que não se importa com a vingança de Laertes, mas apenas com seus próprios interesses em manter a coroa, utilizando-se de maquinações e armadilhas: “Na luta ficareis com calor e sede - / Assim tornai vossos ataques mais violentos - / Quando ele pedir uma bebida, eu já terei pronta / Uma taça pra ocasião” (Ato IV, cena 7). Laertes luta bravamente por sua vingança, golpeia Hamlet, mas acaba golpeado. Já com o destino traçado, ele confessa tudo e retorna à moral cristã, se arrependendo de seus atos, “Foi um veneno composto por ele mesmo. / Troca perdão comigo, nobre Hamlet. / Que minha morte e a de meu pai não recaiam sobre ti, / Nem a tua sobre mim.” (Ato V, cena 2).

Finalmente, Hamlet caracterizado pela hesitação e pela introspecção moral — que o levam à tragédia final — reflete o conflito entre diferentes sistemas de valores, ele experimenta os dilemas gerados pela moralidade cristã: “Oh vós hostes do céu! Oh terra! O que mais? Devo / Juntar o inferno?” (Ato I, cena 5). Além disso, quando descobre que seu tio matou seu pai e o fantasma do antigo rei quer que ele o vingue, ele teme ser condenado ao inferno por essa ação pecaminosa. Também percebemos a moral cristã enraizada em Hamlet, quando ele julga sua mãe por se casar novamente, tão rápido, e quando vê Ofélia “corrupta” como a Rainha Gertrudes, por ter sido manipulada no sentido de reportar o conteúdo de seu encontro com Hamlet ao pai e ao rei. Durante este encontro, Hamlet diz: “(...) Ou se precisas casar, casa com um tolo; pois os sábios sabem muito bem em que monstros vós os transformais. Para um convento, vai, e rápido. Adeus.” (Ato III, cena 1). Nesta fala, podemos observar o uso do termo “nunnery” (convento), que possui um duplo sentido crucial para a interpretação da cena. Por um lado, “nunnery” refere-se a um convento, um local onde as mulheres vão para viver em reclusão e castidade, sugerindo que Ofélia deveria se afastar do mundo e evitar corromper ou ser corrompida pelos homens. Por outro lado, na época de Shakespeare, “nunnery” também era uma gíria para bordel, o que implica que Hamlet está insultando Ofélia, insinuando que ela é promíscua. Esse duplo sentido reforça a visão patriarcal da época, onde as mulheres eram vistas ou como puras e recatadas ou como fonte de tentação e decadência moral, sem um meio-termo. Assim, o comentário de Hamlet não só reflete sua angústia e ressentimento pessoal, mas também ecoa as atitudes misóginas enraizadas na sociedade elisabetana.

Vale ressaltar que, ao contrário de Cláudio e seu pragmatismo maquiavélico, Hamlet, sendo um herói trágico, reconhece os próprios erros. Sobre a morte de Polônio, ele declara: “Quanto a este senhor, / Eu me arrependo mesmo. Mas o céu se aprouve assim / Dele ser minha punição, e eu a dele (Ato III, cena 4), o que revela, mais uma vez, o conflito entre a moralidade do escravo (cristã) e a moralidade dos senhores, caracterizada pela vontade de poder. A filiação de Hamlet à moralidade cristã manifesta-se até no final da tragédia. Primeiro porque, já agonizantes, Laertes e Hamlet protagonizam uma cena de arrependimento e perdão. Depois, porque Horácio se despede do amigo dizendo: “Boa noite, doce príncipe, e hostes de anjos te conduzam com cânticos ao teu repouso” (Ato 5, cena 2). Hamlet, finalmente, consegue concluir seu objetivo de vingar o pai, mas a custo de sua própria vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, analisei a moralidade em *Hamlet*, de William Shakespeare, à luz da filosofia de Friedrich Nietzsche, explorando como diferentes concepções morais influenciam e determinam as ações dos personagens. Na introdução, discorri sobre a relevância da obra shakespeariana e a complexidade de *Hamlet*, destacando a pertinência da abordagem nietzscheana para entender os dilemas morais presentes na peça. Em seguida, apresentei os conceitos de moralidade dos senhores e dos escravos, transvaloração dos valores e má consciência, bem como a crítica de Nietzsche à moralidade cristã, contextualizando historicamente o filósofo e sua obra.

A análise dos personagens principais revelou como as diferentes visões de moralidade moldam suas ações e destinos. Enquanto Cláudio, Polônio e Laertes exemplificam a moral maquiavélica, com a busca pelo poder a qualquer custo, manipulação e pragmatismo; Horácio e Fortinbras representam a moral estoica, com racionalidade e resiliência diante das adversidades. Quanto às personagens femininas, Ofélia e Gertrudes, elas refletem a influência da moral cristã e patriarcal, sendo vítimas de expectativas sociais que limitam suas escolhas e conduzem à tragédia. Finalmente, Hamlet é o personagem que mais intensamente vive o conflito entre a moralidade cristã e a vontade de poder, oscilando entre reflexão, inação e momentos de ação impulsiva, culminando na realização de sua vingança, cujo preço foi sua própria morte.

Os principais achados deste estudo indicam que a moralidade, conforme compreendida por Nietzsche, desempenha um papel central na tragédia *Hamlet*. A luta interna de Hamlet, a sede de poder de Cláudio, a manipulação de Polônio, a vingança de Laertes, a racionalidade de Horácio, a disciplina de Fortinbras e as expectativas sociais limitantes em relação a Ofélia e Gertrudes, todas são moldadas por diversas interpretações e apropriações de moralidade. Essa complexa rede de valores e motivações ofereceu uma rica base para a análise das ações e dos destinos das personagens, mostrando como a moralidade pode ser tanto uma força motriz quanto uma fonte de paralisia, conflito e tragédia.

Possíveis pesquisas futuras poderiam incluir uma análise comparativa entre *Hamlet* e outras obras de Shakespeare, como *Macbeth* e *Othello*, sob a perspectiva nietzscheana, explorando como diferentes personagens enfrentam dilemas morais similares. Além disso, seria interessante investigar a recepção de Hamlet em diferentes culturas e épocas, analisando como as interpretações da moralidade na peça variam conforme os contextos históricos e sociais. Finalmente, outra possibilidade seria explorar a influência de outros filósofos na compreensão dos dilemas existenciais e morais presentes em *Hamlet*, enriquecendo ainda mais o debate interdisciplinar entre literatura e filosofia.

REFERÊNCIAS

BBC News Brasil. **Estoicismo, a filosofia de 2 mil anos cada vez mais usada como receita para sobreviver ao caos**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral> Acesso em 31 de julho de 2024.

FRAZÃO, Dilva. **Friedrich Nietzsche**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/friedrich_nietzsche/ Acesso em 16 de julho de 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007

GÓES, Karen Elizabeth. **Conceitos de Ética e Moral com base filosófica**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/conceitos-de-etica-e-moral-com-base-filosofica/> Acesso em 16 de julho de 2024.

GRAMMATICUS, Saxo. **The Danish History [Gesta Danorum] – Books I-IX**. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/1150/1150-h/1150-h.htm> Acesso em 12 de julho de 2024. [Project Gutenberg – Ebook]

MAIA, Adriana. **WILL WOMEN OU AS MULHERES & SHAKESPEARE**. Disponível em: <https://www.cal.com.br/curso/interpretacao/will-women-ou-as-mulheres-shakespeare/> Acesso em 02 de agosto de 2024.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. (Trad.) Dominique Makins. 1ª ed. São Paulo: Hunter Books, 2011.

McGINN, Colin. **Shakespeare 's Philosophy**. United Kingdom: HarperCollins e-books, 2006 (p. 35-60).

MENEZES, Pedro. **Nilismo**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/nilismo/> Acesso em 12 de agosto de 2024.

MICHAELIS On-line. **Moral**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/moral/> Acesso em 16 de julho de 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Trad. Carlos e Ana Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zarathustra**. Trad. José Mendes de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

OLIVEIRA, Marco. Estoicismo; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/os-estoicos.htm>. Acesso em 31 de julho de 2024.

PEREIRA, Rafael. **Friedrich Nietzsche**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/friedrich-nietzsche.htm> Acesso em 20 de julho de 2024.

PORFÍRIO, Francisco. **Friedrich Nietzsche**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/friedrich-nietzsche> Acesso em 04 de outubro de 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano & FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

HAUBERT, Laura Elizia. “Shakespeare: dramaturgia e filosofia em Hamlet” Site **Querido Clássico**, 15.nov.22. Disponível em: <https://www.queridoclassico.com/2022/11/shakespeare-dramaturgia-e-filosofia-em-hamlet.html> Acesso em 06 de agosto de 2024.

RAFFEL, Burton. “Introdução”. In: **Hamlet**. Connecticut, Yale University Press, 2003.

ROLLEMBERG, Thaciane. **William Shakespeare**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/william-shakespeare/> Acesso em 02 de outubro de 2023.

SANTANA, Ana Lúcia. **Hamlet**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/livros/hamlet/> Acesso em 27 de julho de 2024.

SANTOS, Alessandra Lessa dos & COSTA, Grazielle Pissollatto da. **Entre a donzela e a ninfa**: duas maneiras de perceber a Ofélia de Shakespeare. Disponível em: https://todasasmusas.com.br/02Alessandra_Grazielle.pdf Acesso em 02 de agosto de 2024.

SÊNECA, Lúcio. **Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio**. Tradução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017.

SÊNECA, Lúcio. **Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma**. Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2014.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Tradução e notas de Gentil Saraiva Jr. São Paulo: Editora Martin Claret, 2020.

SÜSSEKIND, Pedro. **Hamlet e a filosofia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2022.

THE ROYAL SHAKESPEARE COMPANY, **Hamlet**: Dates and Sources. Disponível em: <https://www.rsc.org.uk/hamlet/about-the-play/dates-and-sources> Acesso em 12 de julho de 2024.

TRINDADE, Rafael. **Nietzsche - o além do homem [ou o super-homem]**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/03/08/nietzsche-o-alem-do-homem-ou-o-super-homem/> Acesso em 22 de março de 2024.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado essa família incrível e depois a minha família que sempre me incentivou a estudar e seguir meus sonhos, jamais me desestimularam ou quiseram que eu escolhesse outra profissão. Quando pequena, eu sempre brincava de escolinha e dizia que um dia eu seria professora, minha mãe me dizia que Deus tinha me dado um “dom” para ensinar. Me apoiou nessa fala dela, nas muitas vezes em que pensei em desistir. Muito obrigada mãe!

Sou grata à minha avó paterna, Lourdes, por ter criado um filho excepcional para sua família. Embora agora ela não se lembre de muitas coisas devido ao Alzheimer, quero que saiba que seu legado está seguro e que seu trabalho foi cumprido com amor e dedicação. Também quero expressar minha gratidão à minha avó materna, Josefa, que criou dezessete filhos, é avó e bisavó de muitos. Sou a terceira mulher na família, entre tios e netos, a concluir a graduação, algo que enche o coração dela de orgulho. E eu, por minha vez, me orgulho imensamente de sua trajetória de vida. Minha família é composta por mulheres guerreiras que me inspiram diariamente, e sou extremamente grata por isso. Espero, também, ser uma fonte de inspiração para a nova geração de netos e netas, que agora têm a oportunidade de estudar.

Gratidão aos meus amigos, Yara e Victor, que também tiveram papéis fundamentais nesse processo, com momentos de descontração e conversas profundas sobre medos e anseios nessa reta final. Vocês são os melhores! Aproveito para registrar aqui para minha melhor amiga Yara que espero tê-la inspirado, especialmente na área acadêmica, da mesma forma como ela me inspira diariamente.

Não posso deixar de mencionar aqui as meninas super poderosas, com as quais convivi por boa parte da graduação e que, sem dúvidas, deixaram a vida mais leve: Alícia, Catarina, Gaby e Vanessa. Muito obrigada meninas, vocês são incríveis!

Agradeço também aos companheiros de luta que fiz ao longo dessa caminhada universitária e tiveram papéis essenciais na minha formação política, enquanto cidadã, destaque para Lucas e Arthur, vocês são imensos!

Também agradeço ao meu parceiro de vida, Vinícius, que apareceu na “reta final” desse processo acadêmico, e diria que em um momento essencial, me incentivou e não me deixou desistir, me segurou em muitas crises de ansiedade — quando minha mente me sabotava e dizia que eu não era capaz — me levantou diante de todas as adversidades e enfrentou essa barra comigo. Muito obrigada por ter sido minha força nesses momentos. Você é incrível!

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos bons professores que tive ao longo da minha formação que deixaram um pouco de si em mim e me fizeram tentar ser uma professora melhor a cada dia, menção honrosa aos professores: Giovane Alves, Thiago Almeida, Marília Cacho e ao meu orientador Valécio Irineu Barros que conheci nos primeiros períodos da universidade e tive a oportunidade de ser aluna em Literatura Inglesa I, quando me encantei com os sonetos de Shakespeare e desenvolvi uma forte ligação com a área de Literatura. Não teria forma melhor de encerrar esse ciclo, o professor que me fez gostar de Shakespeare nos primeiros períodos da universidade, me orientando em um trabalho sobre uma obra de Shakespeare. Grata por tanto!